
EDUCAÇÃO, SOCIABILIDADE E ATUAÇÃO: O POSITIVISMO COMO PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO POLÍTICA, SOCIAL E EDUCACIONAL (MINAS GERAIS, FINS DO SÉCULO XIX, INÍCIO DO XX)¹

Maysa Gomes*

lattes.cnpq.br/4891079422376439

Resumo: No Brasil, como em outros países da América Latina, o positivismo se fez presente na vida social, política e educacional. Embora com propósitos semelhantes, as experiências foram alçadas de modo diferenciado, mobilizando atores, agentes políticos, professores e redes de relacionamentos e sociabilidades. No caso brasileiro, a imbricação República e Positivismo levou a proposições políticas e educacionais promovidas por diversos agentes e em diferentes estados do país. Neste sentido, ressaltamos a disseminação do positivismo no Brasil no âmbito de diversas escolas e os professores como agentes, além de seu desígnio essencialmente educador. A atuação de grupos políticos e professores viabilizou a expansão de propostas derivadas do pensamento comtiano e a execução de projetos impulsionados pelo apelo à ordem e ao progresso, ao desenvolvimento dos homens e da sociedade. Este artigo analisa as formulações positivistas para a educação e para as relações sociais contidas em algumas obras de Comte e do Apostolado Positivista do Brasil e suas relações com os processos desenvolvidos por seus seguidores em terras brasileiras, em fins do século XIX, início do XX, particularmente em Minas Gerais.

Palavras-chave: Educação; Positivismo; Sociabilidade; Atuação.

EDUCATION, SOCIABILITY AND ACTION: POSITIVISM AS AN ORGANIZATION PROCESS POLITICAL, SOCIAL AND EDUCATIONAL (MINAS GERAIS, 19TH AND 20th CENTURY)

¹ Esta comunicação é parte da pesquisa de estágio pós-doutoral em Educação em curso na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

* Doutora em Educação. Docente da Universidade FUMEC (Brasil). Contato: maysago-mes@gmail.com.

Abstract: In Brazil, as in other Latin American countries, positivism was present in social, political and educational life. Although for similar purposes, the experiences were raised in a differentiated way, mobilizing actors, political agents, professors and networks of relationships and sociabilities. In the Brazilian case, the imbrication Republic and Positivism led to political and educational propositions promoted by different agents and in different states of the country. In this sense, we emphasize the dissemination of positivism in Brazil within the framework of several schools and teachers as agents, in addition to their essentially educative purpose. The work of political groups and teachers enabled the expansion of proposals derived from Comte thought and the execution of projects driven by the call to order and progress, to the development of men and society. This article analyzes the positivist formulations for education and social relations contained in some works of Comte and the Positivist Apostolate of Brazil and their relations with the processes developed by their followers in Brazilian lands in the late 19th and early 20th centuries, particularly in Minas Gerais.

Keywords: Education; Positivism; Sociability; Acting.

* * *

Introdução

No Brasil, como em outros países da América Latina, o positivismo se fez presente na vida social, política e educacional. Embora com propósitos semelhantes, as experiências foram alçadas de modo diferenciado, mobilizando atores, agentes políticos, professores e redes de relacionamentos e sociabilidades. No caso brasileiro, a imbricação República e Positivismo levou a proposições políticas e educacionais promovidas por diversos agentes e em diferentes estados do país. Neste sentido, ressaltamos a disseminação do positivismo no Brasil no âmbito de diversas escolas e os professores como agentes, além de seu desígnio essencialmente educador.

Em sua História do Positivismo no Brasil, Ivan Lins (1967) relacionou diferentes protagonistas destas ações. Outros autores Angela Alonso (1996, 2002); Irlen A. Gonçalves (2008) e fontes indicaram a relação entre formas de sociabilidade/formação/atuação, como importante articulação na disse-

minação de ideias e também do positivismo. A atuação de grupos políticos e professores viabilizou a expansão de propostas derivadas do pensamento comtiano e a execução de projetos impulsionados pelo apelo à ordem e ao progresso, ao desenvolvimento dos homens e da sociedade.

Este trabalho objetiva analisar as formulações positivistas para a educação e para as relações sociais contidas em algumas obras de Comte e do Apostolado Positivista do Brasil e suas relações com os processos desenvolvidos por seus seguidores em terras brasileiras, no período da 1ª República, particularmente em Minas Gerais. A indagação que buscamos responder é: que relação pode ser estabelecida entre o positivismo e a organização política, social e educacional em Minas Gerais em fins do século XIX e início do XX? Nossa hipótese sugere que o positivismo foi um princípio em torno do qual giraram os processos políticos (e, conseqüentemente, os educacionais) do estado neste período. É isso que pretendemos demonstrar.

Esta investigação foi efetuada pelo levantamento de fontes primárias e secundárias, constituindo-se em uma pesquisa documental e bibliográfica. Realiza-se na perspectiva da história da educação e suas propostas metodológicas de inquérito das fontes, ampliação da leitura, da interpretação temática e no estabelecimento de diálogos possíveis com outros campos disciplinares. Dos acervos para essa investigação, temos como referência o Arquivo Público Mineiro (APM) e outras fontes disponíveis em acervos eletrônicos como os do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea/ FGV (CPDOC) e da Biblioteca Nacional (BNDigital).

Um desígnio eminentemente político

Hugo Lovisolo (1992) em estudo comparativo sobre o positivismo na Argentina e no Brasil, chama a atenção para algumas particularidades que constituíram a disseminação do positivismo nestes países. Reafirma as diferenças interpretativas e os objetivos ora amplos, ora mais específicos que

acompanharam este processo, em fins do XIX e início do XX.

Observemos, para exemplificar a distância ainda existente entre as avaliações sobre os positivismos, que, no caso da Argentina, os positivistas são predominantemente situados por analistas e críticos na onda emancipatória do esclarecimento, vinculados à defesa do liberalismo e à implementação de uma convincente política educacional, sob o ponto de vista ideológico. Em contrapartida, **no Brasil**, domina a percepção de que o positivismo tem vinculação com o organicismo, com o autoritarismo, **tendo pouca ou nenhuma influência “positiva” sobre a educação**, embora os objetivos de povoar e educar fossem partilhados por positivistas de ambos os países. No Brasil, a dominância do comtismo foi vinculada ao reconhecimento de uma cultura ibérica – anti-individualista, coletivista e integrativa – que melhor corresponderia à direção em que evoluía a humanidade, de acordo com essa corrente. (LOVISOLO, 1992, p. 1) (Grifo nosso).

Parece paradoxal a citação de Lovisolo (1992) sobre a influência do positivismo na educação brasileira. Entendemos que o autor estabeleceu uma interpretação generalizada a respeito da influência do positivismo na educação brasileira ao afirmar a implementação de “uma convincente política educacional” vinculada ao positivismo na Argentina, em contraposição “à pouca ou nenhuma influência ‘positiva’ sobre a educação” no Brasil. No entanto, a ampliação das pesquisas na história da educação demonstra que a relação positivismo e educação no Brasil, temática recente nas investigações da área, vem trazendo à tona novas abordagens acerca do positivismo não só como um processo educador, mas como um sistema de ideias presente nos processos educacionais brasileiros desde meados do século XIX.

Esta observação coloca em pauta a discussão acerca da abordagem das características culturais do positivismo e as particularidades que se constituíram historicamente em campos e países diversos. Deste modo, Lovisolo (1992) ao apresentar outras observações em suas análises auxilia na diferenciação do positivismo presente nos dois países. As diferentes configurações assumidas pelos positivistas e suas ações, suas próprias interpretações e seus intérpretes, demarcaram suas linhas e frentes de atuação e, conse-

quentemente, seus processos frente à realidade.

Quando nos situamos na perspectiva política comparativa entre países da América Latina, (...) os cientificismos ou positivismos aparecem caracterizados por uma dupla variabilidade: de um lado, as diferenças nacionais na apropriação e recriação das idéias sociais e das orientações políticas de cunho positivista; de outro, a variedade das interpretações e avaliações, por vezes francamente divergentes, de suas realizações em cada país. (LOVISOLO, 1992, p. 1).

Juntamente com autores como Carpeaux (1955), Lins (1967), Alonso (1996, 2002), Carvalho (1998), dentre outros, observam que não houve um consenso único em torno do positivismo, mas que existiram vários e circunstanciais, bem como as divergências. Além da pluralidade de tendências e ações sob a égide do positivismo e suas múltiplas relações sociais nos diferentes países, Lovisolo (1992) apresenta os positivistas argentinos e suas identificações demonstrando suas especificidades, diferenciando-os do caso brasileiro. Para ele,

Diferente é o caso no Brasil. Os desenvolvimentos do positivismo comtiano, na política e na religião, podem ser entendidos como recusa dos valores individualistas e mesmo do progresso material e temporal, sem as necessárias limitações espirituais. Contudo, essa recusa não é radical; significa antes uma transação ou conciliação entre “razão” e “fé” ou “sentimento” (amor, piedade etc.). O entendimento realizado pelos positivistas brasileiros enfatiza a conciliação, noção que se tornou um potente operador na interpretação da história brasileira. (LOVISOLO, 1992, p. 4).

Sua abordagem contempla ainda outros positivismos que não o comtismo. No caso brasileiro, atem-se, como muitas, à análise das ações do Apostolado Positivista e da Igreja Positivista do Brasil² e suas noções. Este

² Cabe esclarecer os termos Igreja Positivista do Brasil (IPB) e Apostolado Positivista do Brasil (APB). Segundo Lemos (1891), “O apostolado compunha-se do conjunto de indivíduos, devendo eles aceitarem, integralmente, a Religião da Humanidade. A Igreja era constituída pela totalidade dos fiéis e um núcleo de direção formado pelo apostolado.” (citado por SILVA, 2008, p.52). A Igreja e o Apostolado Positivista do Brasil tiveram por

autor deixa claro que não é objetivo de seu estudo “a preocupação com a fidelidade interpretativa dos positivistas do Apostolado em relação ao mestre Comte. Assim, entende-se aqui por comtismo a apropriação da doutrina pelos positivistas brasileiros”. (LOVISOLO, 1992, p. 4-5). Nossa abordagem centraliza-se no comtismo como o positivismo predominante ou mais influente no Brasil, que foi reinterpretado de diferentes formas. Tais interpretações ampliam as perspectivas de estudos no que tange às atuações políticas e institucionais.

No Brasil, o positivismo enquanto um sistema de pensamento em suas diferentes versões se disseminou por vários estados, principalmente pelas escolas, e sua abordagem enquanto um processo histórico, tem sido permeado ao longo do tempo por polêmicas discussões. Não se pode negar sua importância e influência em diversas dimensões da realidade social inclusive, e talvez principalmente, nos aspectos políticos e educacionais. Isso diz respeito a vários estados brasileiros, dentre os quais se destacaram São Paulo, Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul, onde o positivismo se manifestou de forma mais ostensiva. Esta presença, verificada em outros estados, tem neste estudo o destaque para Minas Gerais, que juntamente com São Paulo exerceu o poder político no Brasil nos anos iniciais da Primeira República.

Em um sentido mais amplo, as concepções do pensamento positivista, inclusive o comtiano, implicaram em interpretações desenvolvidas ao longo do tempo, matizadas por diferentes realidades científicas, sociais e políticas, isto é, pelas suas diferentes proposições, apropriações e usos históricos.

Segundo Carvalho (1998), “os [positivistas] ortodoxos³ no Brasil mais pareciam um grupo político com ideias muito precisas sobre a tarefa a reali-

principais líderes Miguel Lemos (1854-1917) e Raimundo Teixeira Mendes (1855-1927), e sua institucionalização definitiva é datada de 1881.

³ CARVALHO (1998) utiliza estes termos: ortodoxia, ou ortodoxos, no caso do positivismo se referia aos membros da Igreja Positivista ou do Apostolado Positivista do Brasil e heterodoxia ou heterodoxos caracterizava aqueles que abraçavam o positivismo, mas não se filiavam publicamente à Religião da Humanidade. (CARVALHO, 1998). No entanto,

zar e os meios a utilizar do que um bando de fanáticos religiosos e loucos” como verbalizavam seus desafetos. Ressalta também o voluntarismo político do grupo que tinha a crença de “poder forçar a marcha da história pela ação de uma vanguarda política bem organizada, homogênea, disciplinada ou, na expressão de Comte, pela ação de um núcleo fortemente organizado.” (p.198). Nesta trajetória, “muitas transformações no Brasil se realizaram a partir de suas ações e com uma dedicação messiânica de intelectuais e militares.” Estes, no período republicano, “se atribuíram a missão de salvar o Brasil, mesmo apesar dos brasileiros.” (CARVALHO, 1998, p. 200).

Ressaltamos que o positivismo não se restringiu à dimensão religiosa ou à Religião da Humanidade, que emergiu na fase final da filosofia de Comte, mas esta se desenvolveu significativamente em alguns países, especialmente no Brasil. As diferentes visões e versões acerca do positivismo levaram Alonso (1996), dentre outros, a afirmar a existência histórica de positivismo e positivismos:

O movimento positivista sofre, por sua vez, uma outra diferenciação, entre o seguimento e instrumentalização da idéia positivista na política e sua sedimentação em dogma e em instituição. No caso brasileiro, tivemos ambas as ocorrências. Houve um grande movimento positivista não institucional, ao mesmo tempo em que a solidificação da Igreja Positivista no Rio de Janeiro tentou justamente submeter os positivistas fora de sua alçada e expandir a instituição. (ALONSO, 1996, p. 111).

Este foi o seu desígnio político.

Um desígnio essencialmente educador

falar em heterodoxia e ortodoxia positivistas remete à discussão proposta por outros autores principalmente a partir da década de 1950. Essas considerações encontram-se também em LINS (1967), e posteriormente são retomadas por ALONSO (1996, 2002).

O desígnio educador do positivismo pode ser representado pela epígrafe: “Queremos educar socialmente e dirigir politicamente” estampada na primeira página do jornal positivista brasileiro O Democrata em 1880 (O DEMOCRATA, 1880, p. 1)⁴, ou mesmo pelas várias publicações sobre a educação feitas pelo APB e pela IPB. Nesta direção, a abordagem do estudo de Tocary Assis Bastos (1965) analisa o processo educador, enunciando alguns predicados pedagógicos do positivismo comtiano em geral, e do que denomina de “positivismo pedagógico brasileiro”. Não obstante a discussão de que cerca o tema, oferece elementos à compreensão da temática em duas vertentes. A primeira, em que analisa os escritos epistolares de Comte, ressaltando sua “vocação educacional” que se confunde com o início do positivismo⁵ e absorve, ao longo do tempo, as mudanças nas concepções de seu criador (BASTOS, 1965, p. 46).

Afirma que os princípios educacionais do positivismo encerram duas questões básicas, quais sejam: “a) limitar o procedimento pedagógico às ciências realmente positivas; b) criar uma nova classe de sábios, encarregada de formular as bases de uma ciência política (sociologia).” (BASTOS, 1965, p. 46)

Bastos também apresenta a estrutura pedagógica da doutrina comtiana exposta por Paul Arbousse-Bastide, na qual a noção de educação em Comte pode ser sintetizada como

- 1 - Uma teoria da educação propriamente dita ou se se quer, uma pedagogia da criança e do adolescente;
- 2 - Um sistema de educação universal e integral englobando toda a duração da vida humana, verdadeira economia da vida mental individual desde a existência do feto até a morte;

⁴ Este jornal circulou aos sábados, no período de 1880-1881. A frase foi apresentada em seu artigo- programa fundamentado no positivismo de A. Comte. Trazia no frontispício o lema “Ordem e Progresso” e divulgava a doutrina comteana entremeada por análises relativas a diferentes áreas - da instrução pública e da educação da mulher, à política econômica imperial. (Fonte: <http://www.memoria.bn.br>)

⁵ As afirmações de BASTOS (1965, p.46) se referem exclusivamente ao positivismo comtiano.

- 3 - Uma doutrina de aperfeiçoamento fundada sobre uma antropologia ou teoria da natureza humana;
- 4 - Uma introdução à vida subjetiva, isto é, uma meditação sobre a morte considerada em sua função religiosa de participação no Gran-Ser. (ARBOUSSE-BASTIDE, citado por BASTOS, 1965, p. 49).

Baseado no exposto e em afirmações de Comte, Bastos declara que há duas carreiras ou duas mensagens no positivismo e, conseqüentemente, além de duas pedagogias, duas teorias educacionais, inclusive duas didáticas, “que são condicionadas, respectivamente, por um *positivismo de cátedra* e por um *positivismo de púlpito*.” (p.50). Compreendem aí as dimensões e as transformações apresentadas na obra comteana, que iniciou e se desenvolveu como filosofia e se transformou, na última fase, na Religião da Humanidade. Nesta concepção, podemos identificar a base das propostas e das reflexões educacionais do APB e da IPB.

Ao “positivismo de cátedra” se relaciona a teoria educacional do *Cours* baseada na filosofia das ciências, que apresenta uma didática escolar e “o movimento racionalista educacional, valorizando o estudo das ciências experimentais, bem como a laicização do ensino (...)” (BASTOS, 1965, p. 50). Já o “positivismo de púlpito”, vincula-se à Religião da Humanidade e, segundo o autor, a uma nova teoria educacional que ele define como “socratismo proletarizante”⁶ onde “a educação, tendo por objeto único o aperfeiçoamento do homem, ‘facilitando o surto das expansões altruístas’, apela para o proletariado na consecução desse objetivo” (BASTOS, 1965, p. 52). Deste modo Bastos estabelece uma “dicotomia pedagógica positivista” pela qual a análise transita na interpretação de suas conseqüências no Brasil. Ao lidar com uma forma dicotômica de análise, este autor afasta algumas in-

⁶ Na interpretação de Arbousse-Bastide, depois de 1845, “o proletário e a mulher constituirão dois protótipos da nova humanidade, os dois catalizadores do poder espiritual, os dois discípulos-tipo cuja educação particular será o ponto de partida da educação universal, fora da qual não há salvação.” (ARBOUSSE-BASTIDE, citado por BASTOS, 1965, p. 53).

fluências múltiplas que fizeram parte de um mesmo processo na realidade brasileira ao longo do tempo.

A prática positivista de cátedra pode ser ilustrada pelas análises sobre a Escola Normal de São Paulo, apresentadas por Carlos Monarcha (1999) em diversas partes de sua obra. Neste estudo o autor descreve a prática dos professores positivistas Godofredo Furtado, Silva Jardim e Cypriano de Carvalho, e os conflitos gerados na instituição. Como demonstra neste posicionamento dos professores frente a realidade brasileira na década de 1880.

no decênio de 1880, no interior da Escola Normal de São Paulo, ocorre a irrupção dramática de ideologias conflitantes: defrontam-se os defensores da declinante Religião do Estado e os defensores da moda ascendente da Religião da Humanidade. Apaixonadamente, uns propugnam a defesa intransigente da Monarquia representativa e suas instituições, denotadamente o poder moderador e o trabalho escravo; outros, a “doutrina livre e científica” como meio para desvendar o curso histórico brasileiro, mediante a aplicação analítica da doutrina dos “três estados” à formação social brasileira, articulada à elaboração de um programa sociopolítico de natureza pedagógica. (MONARCHA, 1999, p. 122).

Ilustra, deste modo, um dos embates enfrentados pelos professores positivistas em sua atuação e o caminho que percorriam na consecução de um positivismo de cátedra, pautando seus cursos pelos ensinamentos de Comte.

Em uma leitura ampliada verificamos que o desenvolvimento de uma pedagogia social⁷ permeou a trajetória do positivismo e seus adeptos naquilo que este propôs enquanto uma formulação político-educacional em sua versão brasileira, ou mesmo de projetos educacionais patenteados pelos seus princípios sociais. Assim se constituiu, em parte, seu desígnio essencialmente educador, que foi socialmente disseminado.

⁷ Utilizamos o termo pedagogia social para designar a relação dos processos educativos com as práticas sociais.

A disseminação do positivismo em Minas Gerais: das sociabilidades

Segundo Rodrigues (2009), o termo sociabilidade pode definir diferentes formas de relações e pode também equivaler a relações sociais em um sentido mais amplo. Como afirma:

A sociabilidade em sua acepção mais genérica é própria da existência humana, da vida em sociedade, onde os indivíduos se manifestam em diferentes modos de interação. O caráter gregário, entendido como a base das relações que se estabelecem, pode ser abarcado naquilo que lhe dá a forma, a visibilidade na trama do social. (RODRIGUES, 2009, p.239-240).

A difusão do pensamento comtiano assinalou a dimensão educacional como o processo fundamental para a reorganização da sociedade, sendo oficialmente divulgado pelas publicações da IPB e do APB. Sua disseminação nas escolas e na sociedade por meio de estudantes, professores, intelectuais e grupos políticos se fez através de jornais, revistas, manifestos, estudos, reuniões, clubes abolicionistas, positivistas, enfim, por uma rede ampla tecida socialmente por interesses diversos.⁸

Mais importante na tessitura República, educação e positivismo, são as múltiplas dimensões envolvidas e seus elementos, às vezes com a prevalência da organização política, noutras com a prevalência da manifestação social; ora na esfera acadêmica, na vida coletiva, ora na trajetória individual ou no poder político.

Diferentes escolas brasileiras, como espaços de sociabilidades, foram centrais ao processo republicano, à formação e atuação de intelectuais, políticos, e à divulgação do pensamento positivista no Brasil. Como as escolas de formação militar, a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, as Faculdades de Direito de São Paulo e Recife; as Escolas de Medicina, a Escola de Minas

⁸ Em sua obra *História do Positivismo no Brasil*, Lins (1967) oferece vários relatos sobre o tema.

de Ouro Preto (EMOP), o Colégio Pedro II, a Escola Normal de São Paulo, dentre outras, são citadas por diversos autores⁹. Dentre os consensos mais amplos que uniram diferentes grupos em torno das mudanças necessárias ao Brasil em fins do século XIX, ressaltava-se a república como forma de governo, a construção da nação e a instrução como elemento de progresso do país.

Uma perspectiva que sobressai na historiografia do período diz respeito ao papel dos estudantes e das escolas como atores e lugares de ação no que tange à República no Brasil. Além dos clubes e jornais, os grupos políticos, professores, e estudantes fundaram sociabilidades como modo de inscrição social, o que foi essencial ao movimento republicano. Neste contexto, Irlen A. Gonçalves (2008), discorre sobre aspectos que se tornaram importantes na compreensão da sociabilidade - no caso, acadêmica e republicana. Em seu estudo o autor analisa a sociabilidade propiciada aos alunos na Faculdade de Direito de São Paulo, referência de formação da intelectualidade brasileira. Destaca, neste contexto as possibilidades de uma vida social e participativa, a “integração com outros colegas em atividades extra-escolares, como participação em associações e na vida jornalística; e, como consequência, o (...) recrutamento para a atividade política do Partido Republicano.” (GONÇALVES, 2008, p. 127). A tudo isso consideramos parte do processo educativo.

Essa trajetória foi comum àqueles que frequentaram faculdades nos grandes centros urbanos da época. Destacamos especialmente as escolas de duas cidades: Ouro Preto e São Paulo. Em relação a São Paulo, a Faculdade de Direito, como um polo que aglutinou estudantes de todo o país, e dentre eles numerosos mineiros. Segundo Gonçalves (2008), além do profissional da área, formava-se lideranças políticas para a vida pública, a exemplo dos mineiros Joaquim Felício dos Santos, Afonso Pena, Augusto de Lima, João Pinheiro, Francisco Salles, Raul Soares, Antônio Carlos, Arthur Bernardes, Wenceslau Braz, Estevão Lobo, dentre outros. A compreensão desse destino

⁹ Neste sentido ver Lins (1967) e Gonçalves (2008).

político e para a vida pública, relacionada com a passagem pelo curso jurídico, pressupõe o entendimento das configurações de sociabilidades do aluno urdidas no sentido de um

entrelaçamento da cultura político-jurídica, propiciada pelas várias relações que ele travará com seus colegas, professores e outros mais que farão parte da sua rede de convivência, sonhos e expectativas de construção da sua carreira e, bem assim, de produção da sociedade brasileira, mineira em particular. (GONÇALVES, 2008, p. 129).

O estudo aliado a outras atividades, tais como a participação em clubes acadêmicos foi uma característica dos mineiros radicados em São Paulo. A existência de dois clubes republicanos mineiros na capital paulista¹⁰ é um dado que demonstra a importância deste tipo de agremiação.

A partir destas considerações, outras perspectivas podem ser tratadas em relação à Faculdade de Direito, e uma delas diz respeito à forma de chegada e acolhida de seus alunos. Este caminho esclarece parte das relações, dos pertencimentos a determinadas instituições e do caminho político dos estudantes. Exemplo disso se constitui a trajetória de João Pinheiro da Silva¹¹, que prestou exames na Escola de Minas de Ouro Preto em 1881, onde cursou dois anos, sendo encaminhado para São Paulo. Trabalhou como preparador dos laboratórios de física e química (disciplinas regidas por Cypriano Carvalho, lente positivista) da Escola Normal de São Paulo, onde depois atuou como professor. Como estudante da Faculdade de Direito de São Paulo, ingressou no Club Republicano Mineiro em 1884. Segundo Costa (2006), essa trajetória foi fundamental à consolidação de sua formação política.¹²

¹⁰ O Club Republicano Mineiro e o Club Republicano Acadêmico Mineiro.

¹¹ João Pinheiro da Silva, político mineiro, líder republicano, declarado positivista. Neste sentido ver notas biográficas em Costa (2006, p. 4-6).

¹² Em 1884, “João Pinheiro consegue emprego como zelador e preparador das cadeiras de física e química do laboratório da Escola Normal de São Paulo. (...) Apesar de já conhecer as idéias de Comte na Escola de Minas de Ouro Preto, será em São Paulo, principalmente na relação estabelecida com Cypriano José de Carvalho, com quem passa a

Neste contexto, as análises recuperam a trama histórica de uma geração a partir de conceitos que auxiliam a compreender seus desdobramentos posteriores. Este é o caso da abordagem dos grupos políticos como parte de um processo formativo e como importante articulação na disseminação de ideias e também do positivismo. Neste caso, sociedades abolicionistas, clubes republicanos, escolas, estudantes e professores formaram a base da constituição tanto do movimento republicano quanto da própria República brasileira.

Atuações: grupos políticos e professores

A atuação de grupos políticos e professores viabilizou a expansão de propostas derivadas do pensamento comtiano e a execução de projetos impulsionados pelo apelo à ordem e ao progresso, ao desenvolvimento dos homens e da sociedade.

As redes estabelecidas entre grupos, causas, escolas e professores tiveram um papel primordial na constituição da política brasileira e mineira. Divisamos aqui dois processos: primeiro se constitui das manifestações das Sociedades Abolicionistas de Ouro Preto no ano de 1884; e o segundo, a organização política dos estudantes mineiros da Faculdade de Direito de São Paulo, ou seja, o Club Republicano Mineiro. As manifestações das Sociedades Abolicionistas demarcaram publicamente, no âmbito desta pesquisa, a realização de eventos marcadamente positivistas nas ladeiras então capital mineira. Já o Club Republicano Mineiro, que dentre suas diversas ações abrigou um grupo político positivista, constituiu-se a base da disseminação do republicanismo em Minas Gerais.

trabalhar na Escola Normal, que ganhará corpo, em sua formação política, o positivismo.” (COSTA, 2006, p. 156).

As manifestações das sociedades abolicionistas em Ouro Preto

Data de 16 de janeiro de 1884 o registro da festividade ocorrida no Club Abolicionista Visconde de Rio Branco¹³ que marcou época na então capital do estado. As páginas do jornal *O Liberal Mineiro* apresentaram o festival realizado no dia 05 de janeiro do mesmo ano pelo clube abolicionista como um evento humanitário que reuniu a “elite da sociedade ouro-pretana” para uma grande festa musical. Como descreve:

Na entrada do edificio a banda de musica do corpo de polícia fazia os prelúdios do festival. O salão fora decorado com singeleza e capricho. Na parede do fundo destacava-se sob um dossel de veludo verde o estandarte do *Club Abolicionista* elegantemente bordado com esta insígnia que lhe sintetiza as tendências positivistas: ORDEM E PROGRESSO. Irradiava à sombra dele a efigie do brasileiro imortal [Tiradentes], cuja memória é a legenda dos combates da liberdade. (*O Liberal Mineiro*, 16 de jan. de 1884, p. 4. Notação: JM-1241733 APM).

Narrados os diversos números artísticos apresentados, onde destaca-se a presença dos professores F. Vicente, Raymundo de Mello, Domingos Monteiro e Damaso dos Santos, é enfatizada a exposição das “ideias filantrópicas dos senhores Joaquim Francisco de Paula e Coronel José Egydio da Silva Campos” o grande destaque do festival, pois estes senhores concederam a dois escravos cartas de alforria entregues pelo presidente do clube Dr. Chrockatt de Sá¹⁴, durante a solenidade.

Cota (2012) descreve vários momentos em que as ações abolicionistas foram desenvolvidas em Ouro Preto baseado em publicações dos jornais locais. E, embora a abolição seja o eixo principal de seus estudos, devemos

¹³ Segundo Lins (1967, p. 509), “em 1877, no Instituto Politécnico, de que era Vice-Presidente, aludia o Visconde do Rio Branco, perante o Imperador, à lei dos três estados”.

¹⁴ Encontramos grafias diferentes para o nome do engenheiro Crockatt de Sá. Optamos por manter seu nome como aparece na fonte analisada.

considerar além dela, dois outros que se relacionam com nossa pesquisa. O primeiro é que a abolição da escravidão no Brasil foi também uma bandeira positivista. E o segundo, é a existência de várias referências ao positivismo em Ouro Preto no período. Além do mais, segundo Lins (1967), a publicação do jornal *Ordem e Progresso* circulou na capital mineira em 1884 como órgão do Clube Visconde de Rio Branco e “seu redator chefe era o engenheiro Crockatt de Sá, mais tarde Diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil.” (p.216).

Ao relatar minuciosamente outra manifestação concretizada no dia 25 de março, o artigo publicado na seção *Comunicados* do jornal *A Província de Minas* descreve que Ouro Preto acordou às 5 horas da manhã com uma “chuva de bombões” anunciando “uma nova era na história pátria”. As sociedades *Libertadora Mineira* e a *Abolicionista Visconde de Rio Branco* festejaram pelas ruas da capital a emancipação dos escravos no Ceará. Sobre estas sociedades e seus respectivos presidentes, descreve:

É presidente da *Libertadora Mineira* - o Dr. Archias Medrado, lente da Escola de Minas; iniciador da ideia abolicionista nesta capital, que deve guardar na memória o nome do homem entusiasta que primeiro impeliu-a ao movimento emancipador. A sociedade *Abolicionista Visconde de Rio Branco* é presidida pelo Dr. Crockatt de Sá, engenheiro distinto, positivista; é diretor das obras públicas. (*A Província de Minas*, 27 de mar. 1884. p. 3. Notação: JM-1243287. APM).¹⁵

A narrativa oferece alguns detalhes preciosos, poéticos, plenos de entusiasmo sobre os festins. Detalha, por exemplo, que

Precedidos pela banda de música do corpo policial, ia a massa do povo levando em sua frente os dois estandartes das sociedades. A *Libertadora Mineira* ostenta no seu estandarte, de grenat bordado a ouro, uma mulher, a imagem do progresso; empunha um facho com a mão direita, e a esquerda apontando para o horizonte, como que convida o povo a segui-la na peregrinação luminosa. O da *Ab-*

¹⁵ Há elementos nesta publicação que nos levam a inferir que a matéria não foi escrita pelos redatores do jornal.

licionista *Rio Branco* traz num losango¹⁶ a divisa positivista - *ordem e progresso* - Duas palavras que significam muito. Duas palavras que em si só resumem a síntese do desenvolvimento sociológico. (*A Província de Minas*, 27 de mar.1884. p. 3. Notação: JM-1243287. APM).¹⁷

A descrição do estandarte da sociedade A Libertadora Mineira revela uma veneração à mulher possivelmente associada à representação de Marianne, símbolo da Revolução francesa¹⁸, como guia e sustentáculo de uma “peregrinação luminosa”. Sua representação como “imagem do progresso” designa o progresso moral que se move no sentido de guiar e iluminar a humanidade. Este entendimento, pode ser associado ao positivismo, e encontra-se na descrição da participação das mulheres na festividade.

As Sras. das janelas atiraram sobre as bandeiras punhados de flores. Essa explosão de entusiasmo tinha um grande significado da parte do belo sexo. Representantes da moral na família, entes sensíveis por excelência, saudando a marcha cívica em honra ao Ceará, como que sentiam em si todo o horror que inspira essa palavra - escravo - túmulo frio e sinistro da personalidade humana. É que os grandes pensamentos vêm do coração, como diz Vauvenargues¹⁹, e a mulher, conjunto de sentimentos afetivos, não podia por certo deixar de abraçar essa causa humanitária... Pois bem, entre risos, filhos da alegria sincera que tinham, elas atiravam flores... Hurra! mil vezes hurra! É a conquista maior dos abolicionistas. Conquistado o coração da mulher, a causa é ganha. (*A PROVÍNCIA de Minas*, 27 de mar.1884. p. 3. Notação: JM-1243287. APM)

¹⁶ “O losango, em particular, é a representação da mulher na posição de mãe, esposa, irmã e filha.” Disponível em: <http://www.bandeiranacional.com.br>.

¹⁷ Mantivemos o termo grenat pelo entendimento que tanto pode significar a cor grená ou pedras deste tom.

¹⁸ Marianne - símbolo da Revolução Francesa, popularizou-se como a alegoria do povo e da república pelo famoso quadro de 1830 de Delacroix, *A Liberdade Guiando o Povo*. No Brasil, desde 1860, Marianne aparece na iconografia, na imprensa e na campanha republicana como emblema glorioso do progresso e da liberdade. Neste sentido, ver JURT (2012).

¹⁹ A referência feita ao filósofo Vauvenargues nos dá mais uma relação. Este autor é tema de obra constante da Biblioteca Positivista proposta por Augusto Comte n’ *Os Pensamentos de Pascal*, seguidos pelos de Vauvenargues e dos *Conselhos de u’a mãe*, de Mme. de Lambert

E elas estavam lá, onde tudo era festa e imponente era o aspecto da assembleia provincial - “de um lado as Exmas Senhoras, de outro a massa confusa de todos os cidadãos desde o presidente da província até o pobre operário.” (A PROVÍNCIA de Minas, 27 de mar.1884. p. 4. Notação: JM-1243287. APM). É importante ressaltar também que sociedade *Abolicionista Visconde de Rio Branco*, presidida pelo Dr. Crockatt de Sá tinha em seu estandarte um losango com a inscrição da divisa positivista - *ordem e progresso*. Esta divisa foi incorporada posteriormente à bandeira nacional, além disso, há interpretações plausíveis sobre o losango como “a representação da mulher na posição de mãe, esposa, irmã e filha.”²⁰

Neste cenário iniciam-se os discursos e são arroladas as pessoas importantes ali presentes, entre autoridades, professores e cidadãos. A sessão foi aberta pelo Dr. José Ignácio Guimarães (Juiz de Direito) que expressou “em poucas palavras, que exprimiam o modo porque abraçava a causa dos escravos”; os oradores que se seguiram - Dr. Manoel de Lemos, Dr. Leônidas (Damásio, positivista, lente da Escola de Minas); Josephino Pires (advogado, positivista, autor de livro *Ensaio Filosófico*, natural do Serro, filho de Joaquim Felício dos Santos); Augusto Lacerda e Zoroastro Pires. Ao final da festividade foram concedidas duas cartas de liberdade o que foi sucedido por um concerto e da “coleta” entre os presentes.

O Club Republicano Mineiro em São Paulo

O segundo processo analisado gira em torno da Faculdade de Direito de São Paulo, onde observamos algumas trajetórias de políticos mineiros que encontraram ali a formação acadêmica e política com que atuaram no movimento republicano e na própria República. Exemplo disso, o Club Republicano Mineiro aglutinou as forças políticas necessárias através de uma estratégia que, de fora do estado articulou a disseminação do republicanis-

²⁰ Conforme disponível em www.bandeiranacional.com.br.

mo em Minas.

Fundado em São Paulo, em 1883, este clube reuniu republicanos de diferentes cidades de Minas Gerais que estudavam na capital paulista, aos quais, em 1884 veio se somar João Pinheiro da Silva. A existência deste clube e as ações empreendidas por seus membros são fundamentais para a compreensão da política republicana em Minas, pois se constituíram na construção de uma rede no estado em conexão com os articuladores e fundadores do futuro PRM (1888). A fonte que utilizamos para essa análise é o acervo constituído pelas atas das reuniões realizadas entre 1883-1885 na cidade de São Paulo. Este acervo é parte do Fundo João Pinheiro (APM), cuja referência é denominada Dossiê Relativo ao Partido Republicano Mineiro. Série IV, diversos, cx. 30 Doc. 3721. APM, e é composto por vários documentos e parte das atas deste clube.

As atas das reuniões revelaram parte das discussões realizadas, as posturas e as tendências de seus sócios e, mais que isso, uma estratégia para implantar a República por meio de ações, dentre as quais, as de filiações de cidadãos mineiros ao Club. Criava-se assim um vínculo e um ponto de apoio em diferentes cidades no estado natal. Da leitura das atas observamos que: vigorava na agremiação uma tendência positivista; havia um grupo que se organizava em torno desta tendência; as discussões e ações pautadas pelo positivismo aparecem algumas vezes explicitamente e em outras, veladas; não era um grupamento homogêneo, ou seja, não podemos, em princípio, classificá-lo em sua totalidade como um grupo positivista, no entanto, podemos afirmar que havia um grupo positivista em ação dentro do clube ao qual João Pinheiro agregou-se.

Os indícios de que vigorava na agremiação uma tendência positivista e que havia um grupo que se organizava em torno desta tendência apareceram na ata da sessão extraordinária de 04 de julho de 1883, onde consta a presença de Theodoro de Carvalho, Geraldino Campista, João de Faria, Adalberto Ferraz, João Ribeiro, Francisco Barcellos, Augusto Botelho, Gervásio Monteiro, Christiano Brazil. Os senhores Gervásio e Geraldino infor-

maram sobre a missa do falecimento do sr. Galvão: o primeiro cientificou ao Club que não compareceu à missa, mas que enviou um representante; o segundo disse que não foi a esse ato religioso, cumprindo dessa forma um dever.

Também em julho de 1883, Pedro Lessa²¹ foi admitido como sócio efetivo do Club, e em setembro Antonio Olintho dos Santos Pires²² como sócio correspondente. Ainda neste mesmo ano foram propostas as seguintes teses para discussão: 1- Qual a atitude do “Club Republicano Mineiro” frente ao Elemento Servil? 2- Qual a atitude do mesmo em face ao Catolicismo? 3- Se os Republicanos podem exercer cargos públicos? 4- Se nossas tradições são republicanas?

Estas teses chamaram a atenção pela proposta de discussão da atitude do clube frente ao “Elemento Servil”, ao catolicismo e à questão do exercício de cargos públicos. Mesmo em se considerando que estas questões e termos circulavam à época nos meios políticos e estudantis, estas foram questões

²¹ Sobre Pedro Lessa, Alonso (1995, p.7) faz a seguinte citação, tendo a consideração de Antônio Paim (1967, p. 179): “A exemplo de outras doutrinas européias, também o sistema de Auguste Comte experimentou, em terras brasileiras, um processo acentuado de diferenciação”. Dessa diferenciação, Paim elege a versão política do movimento como objeto de análise. Sua interpretação retoma o mal-estar face ao positivismo, acentuando o “sentido conservador”, e mesmo retrógrado, delineado na tematização da reforma social. É diversa, porém, a postura que assume mais tarde. Ainda crítico do Apostolado, distingue-o da vertente gaúcha, notando, porém, que as duas correntes são próximas entre si, comungando uma tendência autoritária. Por outro lado, descobre uma terceira via, não necessariamente retrógrada, de caráter pedagógico, a qual chamou de “positivismo ilustrado”, incluindo Pereira Barreto, Alberto Sales, Pedro Lessa, Aarão Reis e o próprio Ivan Lins. “Enfatizando, cada vez mais, o papel eminentemente cultural do positivismo, esse grupo acabaria atribuindo à política uma posição subalterna e privilegiando a mudança dos costumes e da mentalidade, como condição prévia à reforma social” (PAIM, 1979, p. 3).

²² Antônio Olintho dos Santos Pires, positivista, nasceu na cidade do Serro (MG), no dia 15 de dezembro de 1860. Formado em Engenharia de Minas pela EMOP, Ouro Preto, onde foi professor. “Foi o primeiro Presidente de Estado de Minas Gerais se envolveu nas questões abolicionistas e republicanas na época em que estudava engenharia na cidade de Ouro Preto. Devido a esse envolvimento, fundou, junto com João Pinheiro, o Partido Republicano Mineiro.” (Fonte: www.mg.gov.br). Ver também Lins (1967, p. 205).

próprias das propostas do APB e da IPB no período. Some-se a isto a recusa do clube ao convite para participar das comemorações dos estudantes católicos e atitude de dois dos sócios designados para representar o clube em uma missa, à qual não comparecem. Gervásio Monteiro envia representante e Geraldino Campista “disse que não foi a esse ato religioso, cumprindo dessa forma um dever” Ao que indagamos: qual dever? O de um positivista? Presumivelmente, sim.

A admissão de Pedro Lessa e de Antonio Olintho dos Santos Pires, ambos positivistas, associada à posição assumida por Geraldino Campista e às teses apresentadas constituíram os indícios necessários para afirmar a presença de um grupo positivista no Club Republicano Mineiro. Reforça esta afirmação a constatação de que Geraldino Campista foi professor da escola primária masculina anexa à Escola Normal de São Paulo, onde atuou com Silva Jardim. No ano seguinte, em 25 de maio de 1884, João Pinheiro foi apresentado ao clube por Adalberto Ferraz e aceito, por unanimidade, como sócio efetivo. Diante destas e outras evidências, podemos inferir que as relações de um grupo fundador dentro do clube se forjaram não só pelo republicanismo, mas também pelo positivismo em uma rede de relações que ultrapassou a sociabilidade acadêmica e avançou no campo da política mineira, mesmo com seus conflitos.

Positivismo, organização política, social e educacional em Minas Gerais em fins do século XIX e início do XX

Assim como em outros estados brasileiros, a República em Minas Gerais foi precedida pela causa da abolição e teve influência positivista. Notadamente, os professores, ainda no Império, empunharam estas bandeiras em Ouro Preto.

Escolas, clubes, sociedades acadêmicas, alunos, professores, a Escola

de Minas de Ouro Preto e a imprensa foram os principais atores no cenário da velha capital. Não sem razão, o deputado Andrade Figueira nomeou, em 1882, a Escola de Minas de Ouro Preto (idealizada e dirigida por H. Gorceix) e a Politécnica do Rio de Janeiro, (que teve como diretor o Visconde de Rio Branco) como “viveiros de positivistas”, ou seja, a presença de seguidores de A. Comte e a formação de positivistas se efetuava nestas escolas. É na Escola de Minas que se apresentam os principais elementos do positivismo em Minas no período, quer seja pela formação científica de seus professores e alunos, quer pela atuação dos mesmos. Os alunos e os ideais uniram esta escola a outras, inclusive à Faculdade de Direito de São Paulo pela defesa das causas comuns. Lins (1967) identifica ter,

de fato, havido, por esse tempo, na Escola de Minas, um surto positivista entre diversos lentes, dos quais se salientavam Domingos Rocha, Leônidas Damázio, Antônio Olinto e Domingos Porto. Seguiram-lhes as tradições intelectuais os professores Carlos Pinto, Gastão Gomes e o secretário de João Pinheiro durante a sua presidência em Minas, Francisco Barcelos de Assis Corrêa, mais tarde desembargador do Tribunal da Relação do Estado. (p.205-206)

Das relações positivistas do Club Republicano Mineiro, um grupo permaneceu unido em torno da organização do Congresso Republicano Mineiro e da fundação do Partido Republicano Mineiro (o PRM). Estas ações foram acompanhadas de conferências em várias cidades mineiras e foram resultantes do processo de organização republicana do clube em São Paulo. Da estratégia de nomeação de sócios honorários e correspondentes nas diversas localidades de Minas, bem como da Comissão de Propaganda, iniciadas nas sessões Club Republicano Mineiro, decorreram, a nosso ver, as bases locais do PRM. A última ata do ano de 1883 confirmou nossa suposição quando registrou que “Foi em seguida pelo Presidente nomeada a seguinte comissão *para rever e publicar os estatutos, que devem reger a fundação dos Clubs em Minas*, composta dos cidadãos Adalberto Ferraz e Francisco Salles”. (DOSSIÊ Relativo ao Partido Republicano Mineiro, APM). Em 1888, segundo o Almanak Republicano de 1890, Minas Gerais registrava a

existência de um Centro Republicano (Barbacena) e 57 clubes espalhados na província, sendo o estado com o maior número de clubes. Ou seja, estrategicamente em São Paulo, O Clube Republicano Mineiro instrumentalizou e operacionou a República em Minas Gerais.

Considerações finais

Várias lideranças emergiram deste processo, bem como várias disputas de interesses e muitas adesões à causa da República, tendo como o líder de maior destaque João Pinheiro da Silva. Aluno da Escola de Minas de Ouro Preto, da Faculdade de Direito de S. Paulo, passando pela Escola Normal de São Paulo como preparador de laboratórios e depois como professor, fundador do PRM e de seu jornal de propaganda O Movimento, governador e deputado, dentre outras funções. Guiou-se, ao longo de sua carreira, pelas proposições positivistas, sendo um dos principais, senão o principal articulador da construção de Belo Horizonte, a capital da República em Minas, planejada e executada em uma concepção positivista.

A trajetória de João Pinheiro reuniu os elementos apregoados pela pedagogia social do positivismo, pois revelou o caráter eminentemente político e essencialmente educador em sua formação e em sua atuação como político. Revelou ainda a possível origem de alguns dos traços marcantes de sua vida pública - a conciliação como mediadora entre a razão e o sentimento (ou moral), as necessárias limitações espirituais para o progresso material e temporal, e a prevalência dos valores coletivos. Ou seja, ilustra o que Lovisolo (1992) afirmou sobre a particularidade do positivismo no Brasil “que enfatiza a conciliação, noção que se tornou um potente operador na interpretação da história brasileira.” (LOVISOLO, 1992, p. 4). Neste sentido, ouçamos Pinheiro:

Abrir escolas que iluminem a inteligência das crianças; ensinar o trabalho aos adultos; guiar e aconselhar, nas dúvidas, aos produ-

tores; cuidar das questões materiais, sem o abandono da parte espiritual e moral; ter o culto sincero da liberdade; tornar a paz garantida; a justiça amada; paternal o exercício da autoridade; conciliadora a política; — é, senhores representantes de Minas Gerais, operários efêmeros que somos do serviço permanente da Pátria,— é termos trabalhado pelo grandioso ideal republicano, na terra mineira, que, primeira, o sonhou, por ele deu vidas e o tem executado, sem retrogradação e sem precipitações. É a realização do lema que se inscreve no pavilhão brasileiro, pela perfeita conciliação da "Ordem com o Progresso". (PINHEIRO apud LINS, 1967, p. 222).

Assim, quando indagamos: que relação pode ser estabelecida entre o positivismo e a organização política, social e educacional em Minas Gerais em fins do século XIX e início do XX? Embora sejam múltiplas as possibilidades e perspectivas de investigação, afirmamos, a partir destes dados, que o positivismo foi um princípio em torno do qual giraram os processos políticos (e, conseqüentemente, os educacionais) de Minas Gerais neste período, embora reconheçamos que esta resposta é apenas um começo.

* * *

Referências

ALONSO, A. De Positivismo e de Positivistas: Interpretações do Positivismo Brasileiro. *BIB*, Rio de Janeiro, n. 42, 2.º semestre de 1996, pp. 109-134. Disponível em: <http://anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=68&limit=20&limitstart=0&order=date&dir=ASC&Itemid=301> Acesso em: 22 Set. 2013.

ALONSO, A. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 392p.

ANTÔNIO Olinto dos Santos Pires. In: MINAS GERAIS. Disponível em: <<https://www.mg.gov.br>>. Acesso em: 03 nov. 2015.

- BANDEIRA Nacional. Disponível em: <<http://www.bandeiranacional.com.br>>. Acesso em: 03 nov. 2015.
- BASTOS, T. A. *O positivismo e a realidade brasileira*. Belo Horizonte: Edições da Revista Brasileira de Estudos Políticos, 1965. 171 p. (Estudos Sociais e Políticos-25).
- CARPEAUX, O. M. Notas sobre o destino do positivismo. *Rev. Brasileira de Filosofia*, São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, v. 5, n. 1, p. 120-125, jan./mar. 1955.
- CARVALHO, J. M. de. *Pontos e bordados*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- COSTA, G. M. *A formação política de João Pinheiro*. 2006. 206f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2006.
- COTA, L. G. S. Festins da liberdade: as festas abolicionistas em Minas Gerais. In: ANPHU-MG, 18, 2012, Mariana, MG. [*Anais eletrônicos ...*]. Disponível em: <http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/site/anais_complementares>. Acesso em: 28. nov. 2014.
- GONÇALVES, I. A. Um bacharel na secretaria do interior e justiça. *RBHE*, v.8, n.1, p.125-146, jan./abr. 2008.
- JURT, J. O Brasil: um Estado-Nação a ser construído. *MANA*, v.18, n.3, p. 471-509, 2012.
- LINS, I. *História do Positivismo no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967. 707p. (Coleção Brasileira, v.322)
- LOVISOLO, H. Positivismo na Argentina e no Brasil. *RBCS*, v.7, n.19, jan./jun.1992
- MONARCHA, C. *Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- RODRIGUES, M. G. *Sob o céu de outra pátria: imigrantes e educação em Juiz de Fora e Belo Horizonte*. 2009. 401 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2009.
- SILVA, J. C. *O amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim: as propostas do apostolado positivista para a educação brasileira (1870-1930)*. 2008. 227f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2008.

Fontes

- ALMANAK Republicano Brasileiro. Rio de Janeiro, RJ: Imprensa Mont'Alverne, 1889-1890. 17x12cm. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/almanak-republicano-brazileiro/706272>>. Acesso em: 08 set. 2015.
- A PROVÍNCIA de Minas, 27 de mar.1884. p. 3. Notação: JM-1243287, APM.
- CPDOC. Igreja e Apostolado Positivista do Brasil. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/>> Acesso em: 26 mar.2015.
- DOSSIÊ Relativo ao Partido Republicano Mineiro. Série IV, diversos, cx 30 Doc. 3721, APM
- O DEMOCRATA, 14 de fev. de1880, n. 1, p.1-4. Disponível em: <<http://www.memoria.bn.br>> Acesso em: 18 Nov. 2014.
- O DEMOCRATA. In: BNdigital. Disponível em: <<http://www.memoria.bn.br>> Acesso em: 18 Nov. 2014.
- O LIBERAL Mineiro 16 de jan. de 1884, p. 4. Notação: JM-1241733, APM.

Recebido em 08 de junho de 2017.
Aprovado em 03 de dezembro de 2017.